

Telejornalismo regional em análise: reflexões sobre transformações do Jornal do Almoço¹

Paulo Eduardo Lins Cajazeira
Michele Negrini

Resumo:

O *Jornal do Almoço* da RBS TV no Rio Grande do Sul tem tido ressignificações em seu formato. Desta forma, este estudo tem como foco a reflexão sobre as transformações no telejornalismo regional, especificamente no JA, evidenciadas com o decorrer do tempo e com o desenvolvimento tecnológico, e sobre as diversas temporalidades que perpassam a constituição dos discursos do programa. Para tanto, como objeto de análise, observam-se dois eventos pontuais, que contaram com a cobertura do telejornal e seus apresentadores: a) Fenadoce (Pelotas) e b) Femaça (Veranópolis), realizados em 2023. A metodologia é qualitativa e exploratória. Como concepção teórico-metodológica, vamos acionar alguns olhares dos Estudos Culturais, através das perspectivas do gênero televisivo como categoria cultural (Mittell, 2001) e de estrutura de sentimento (Williams, 1979), além da análise da visibilidade midiática (Landowski, 1999).

Palavras-chave: Telejornalismo regional. Transformações. *Jornal do Almoço*.

Regional television journalism under analysis: reflections on *Jornal do Almoço*'s transformations

Abstract:

RBS TV's *Jornal do Almoço*, in Rio Grande do Sul, has had new meanings in its format. This study focuses on reflecting on the changes in regional television journalism, specifically in JA, over time and with technological development, and on the different temporalities that permeate the constitution of the programme's discourses. To this end, two specific events covered by the news programme and its presenters were observed as objects of analysis: a) Fenadoce (Pelotas) and b) Femaça (Veranópolis), which took place in 2023. The methodology used is qualitative and exploratory. As a theoretical-methodological conception, we will use some perspectives from Cultural Studies, through the perspectives of the television genre as a cultural category (Mittell, 2001) and the structure of feeling (Williams, 1979), in addition to the analysis of media visibility (Landowski, 1999).

Keywords: Regional television journalism. Transformations. *Jornal do Almoço*.

Paulo Eduardo Lins
Cajazeira

Universidade Federal de
Pelotas (UFPel)

E-mail: cajazeirap@
gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8060-9358>

Michele Negrini

Universidade Federal de
Pelotas (UFPel)

E-mail: mmnegrini@
yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2999-0186>

¹ Uma versão inicial deste trabalho foi publicado nos anais do 21º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo.

Estudos em Jornalismo e Mídia
v. 21, n. 2, jul./dez. 2024
ISSNe 1984-6924

Perspectivas introdutórias

Este estudo se propõe a refletir sobre as mudanças passadas pelo telejornalismo regional e que afetam o modo de ver o seu entorno, com ressignificações profundas de como procura explorá-lo, sendo definido, ao primeiro momento, como uma questão de proximidade, que dependeria da produção simbólica e do trabalho de jornalistas, cinegrafistas, produtores e editores. Essas práticas ocorrem no espaço físico e social, de forma imersiva, visível e com o reconhecimento dos moradores e cidadãos locais. Esta afirmação seria a base da relação do telejornal com o seu público no jornalismo regional e local.

Nesse caso, o pertencimento ao espaço representado pela imagem do telejornalismo regional pelo público/cidadão autoriza ao telejornal se deslocar dentro do espaço dos acontecimentos. Contudo, essa relação não é apenas exclusiva das coberturas locais, muito menos um fenômeno novo. Fazer jornalismo local é estar imerso no espaço comunitário. Contudo, evidencia-se aqui uma preocupação das emissoras em fidelizar a audiência e criar nichos comerciais na era da multiplicidade de telas e plataformas digitais. De acordo com Coutinho e Emerim (2019), o telejornalismo local ou regional² possuiria três grandes dimensões: 1) a complementaridade e a troca; 2) o sentimento de pertença à humanidade e 3) o compartilhamento de uma mesma cotidianidade a partir do fato da vivência comum. Na partilha de experiência de e na tela, a proximidade surge como produtora de vínculo social.

O regional ou local oferece uma resposta que privilegia a diversidade, as diferenças, a multiplicidade das escalas e a força das pequenas unidades. Conforme Nogueira (2019), o termo remete a um espaço físico de contornos definidos. E, mesmo na seara jornalística, é possível relacioná-lo com o lugar específico em que um periódico é publicado, considerando ainda os aspectos identitários da audiência. “O telejornal local é um mediador entre o receptor e a cidade, uma vez que o telespectador se conecta a ela através do telejornal; partilha e assiste pela tela da televisão as histórias dos cidadãos como ele, e que vivem problemas semelhantes aos seus” (Coutinho; Martins, 2008, p. 3).

As emissoras criam estratégias editoriais, com as quais procuram se aproximar do público. Para além de toda a estrutura, cenário e tempo, ao abordar temas que afetam diretamente as comunidades locais, por meio da visibilidade da economia local, tornam-se prestadoras de serviços. Situação que reforça o conceito de laço social de Wolton (1996), que reflete sobre como experiências reportadas aos telespectadores criam ambiências coletivas, permeadas pela televisão. Segundo o autor, essa é capaz de “reunir indivíduos e público que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva” (Wolton, 1996, p. 15).

Corroborando a essa afirmação, Camponez (2002) afirma que o território de pertença e de identidade das regiões sejam contempladas, para que assim reforce o sentimento de pertencimento. A proximidade como essência do telejornalismo regional tem um fator estratégico e a produção de conteúdo noticioso precisa refletir os interesses do público, e não apenas públicos e privados, como no caso da cobertura local de eventos locais, objeto desta investigação. Deve-se compreender essa proximidade entre o telejornal e o público enquanto valor-notícia. (Belém *et al.*, 2019).

Além disso, quando há uma imersão do telejornalismo no espaço cidadão, desenvolve-se um sistema de visibilidade e reconhecimento da comunidade televisivada. Ao mesmo tempo, há que se pensar sobre a dimensão escópica em termos de visibilidade. Conforme o pesquisador francês Eric Landowski (1992), as relações dos regimes de visibilidade se organizam em torno da sintaxe do ver, que orienta a busca por estruturas elementares. Destaca-se, assim, o que se chama de dimensão “escópica”. Os dispositivos que organizam especificamente as relações de “visibilidade” podem, de fato, ser considerados como simples traduções, no plano figurativo, de dispositivos

² Neste trabalho, estamos tratando telejornalismo local e regional como sinônimos.

mais abstratos. A exploração da condição escópica inscreve-se no interior de uma problemática mais geral, a da dimensão cognitiva.

Como toda estrutura de comunicação, a que designa o verbo ver implica a presença de ao menos dois protagonistas unidos por uma relação de pressuposição recíproca – um que vê, o outro que é visto – e um entre os quais circula o próprio objeto da comunicação, no caso a imagem que um dos sujeitos proporciona de si mesmo àquele que se encontra em posição de recebê-la. O fato de que os actantes entre os quais se efetua a transmissão da mensagem estabelecem essa relação de troca é fundamental para a compreensão do contrato fiduciário elaborado pelas emissoras de televisão ao darem cobertura jornalística a eventos regionais ou locais na estrutura do telejornal.

Contextualizando-se o objeto de análise desta investigação, operado pelo *Jornal do Almoço* da RBS TV, afiliada à TV Globo no Rio Grande do Sul, a cobertura regional quase mensal de importantes eventos no formato de feiras, em diversas localidades do estado, pressupõe que existam processos de acordo comerciais firmados. Eles seriam no formato de contratos fiduciários de ver e ser visto pela mídia televisiva, a base da visibilidade midiática. O telejornal proporciona a visibilidade aos eventos em municípios e regiões trazendo luz à economia local. E, em troca, autentica-se a relação de interdependência com o poder municipal local, o poder privado e os cidadãos interessados. A estrutura para a execução da visibilidade dos eventos é conhecida pelo público, na práxis do telejornalismo, e na figura dos apresentadores do telejornal, que nesse momento ganham *status* de personalidades televisivas nas cenas de enunciação, um recurso amplamente utilizado por programas de entretenimento.

O telejornal no horário do almoço de diversas emissoras brasileiras na atualidade necessita ir além do jornalismo e precisa entreter para ser visto, a partir de estratégias que reduzam a concorrência com as diversas telas, representadas por redes sociais, plataformas de *streaming* e canais de sinal aberto e fechado. Entre os recursos utilizados está o de uma linguagem informal típica do entretenimento, aliada ao processo de desterritorialização e deslocamento dos âncoras do jornal, conhecidos pelo público, dos estúdios fechados às regiões de abrangência, para transmissões ao vivo, em um cenário aberto, mas, ainda assim, controlado nos enquadramentos do telejornalismo.

Em relação ao discurso prévio dos apresentadores, antes do deslocamento às localidades escolhidas, a intenção é mostrar a diversidade local, por meio de feiras agrícolas, pecuárias ou outro tipo de economia. Para o engajamento do público cidadão, no local das gravações e na televisão, é anunciado pelos apresentadores, em edições de véspera da transmissão, que ocorrerá cobertura jornalística direto de determinadas localidades, reafirmando o papel do telejornalismo como lugar de referência seguro e confiável.

De acordo com reportagem do portal *GI*, publicada em 4 de abril de 2023, no ano de 2022, com o projeto chamado de “Encontros Bem Pra Ti”, a RBS fez a cobertura ao vivo no local de ocorrência de eventos, feiras e festas significativos no âmbito do Rio Grande do Sul.

Ao todo, as 14 coberturas realizadas durante os programas *Jornal do Almoço* e *Galpão Crioulo* impactaram, em média, 1,3 milhão de telespectadores. Por conta da grande conexão gerada com o público por todo o Estado, a iniciativa retorna para uma nova edição este ano. (Femaça, 2023, on-line).

Ainda em falando do “Encontros Bem Pra Ti”, o plano comercial para 2023 do projeto, encontrado no site do Grupo RBS, destaca que, em 2022, valorizou e deu destaque para aspectos culturais de diferentes regiões do RS e divulgou cada região para o restante do estado³ (Encontro..., 2023, on-line).

De acordo com informações constantes no site do Grupo RBS, o *Jornal do Almoço* é exibido pelas emissoras da RBS TV, no Rio Grande do Sul, de segunda a sábado das 11h45 às 12h50. O telejornal está no ar desde 6 de março de 1972. A RBS

³ A existência de um plano comercial do projeto denota a perspectiva da emissora de angariar anunciantes locais com o seu desenvolvimento e com a realização de programas em diversas regiões do RS. Demonstrando, assim, que o foco vai além de divulgação cultural, adentrando na seara comercial. Lembrando que o *Jornal do Almoço*, segundo informações do site da Prefeitura de Tramandaí de maio de 2023: “tem 51 anos de história e é líder de audiência no Estado. De acordo com a pesquisa IBOPE, em algumas cidades a média é de que 8 em cada 10 domicílios com televisores ligados estão sintonizados no *Jornal do Almoço*” (Hanna, 2023, on-line).

TV também mesclou os blocos locais do *JA* no interior, que antes eram 11 emissoras e passaram a ser cinco emissoras, e redistribuiu as equipes de reportagem nos principais centros urbanos do estado. No Rio Grande do Sul, até 31 de julho de 2019, cada uma das 11 emissoras da RBS TV no interior do estado possuía um ou dois blocos locais do *Jornal do Almoço*, com duração média de 6 minutos.

A partir da reformulação do noticiário em 19 de agosto, houve uma fusão em várias delas. As praças de Erechim, Santa Rosa e Cruz Alta passaram a assistir o *JA* gerado em Passo Fundo, com 20 minutos de duração. Uruguaiana passou a assistir o *JA* gerado em Santa Maria, também com 20 minutos, e por fim, Bagé e Rio Grande passaram a integrar o *JA* de Pelotas, com 10 minutos. Apenas Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul mantiveram seus noticiários de maneira independente, com 20 e 10 minutos de duração, respectivamente. Em 2023, os blocos locais tiveram aumento na sua duração nessas mesmas emissoras. O *JA* de Pelotas, por exemplo, tem a duração de 21 minutos. A apresentadora e jornalista Cristina Ranzolin está na bancada do *JA*, gerado de Porto Alegre, desde o ano de 1996.

No movimento da equipe do *JA* para apresentação diretamente do local dos eventos, há alterações na condução do telejornal e, desta forma, antecipa-se um efeito de desterritorialização do ambiente (estúdio de TV), do enunciador, com a participação *in loco* dos âncoras do telejornal nas cenas de enunciação em regiões sede dos grandes eventos locais de grande porte no Estado do RS, gerando um efeito de proximidade com o público local e, também, com os espectadores da região. Há uma presença dos apresentadores do telejornal estadual, junto aos âncoras locais, interagindo diretamente com o público e tendo performances que vão muito além do que é vislumbrado quando se trata de apresentação de um telejornal, adentrando em perspectivas do universo do entretenimento⁴.

Em relação à Festa Nacional da Maçã e Feira Agroindustrial (Femaça), que aconteceu na cidade de Veranópolis, no Parque de Exposições José Bin, de 14 a 16 de abril e de 20 a 23 de abril de 2023, no dia 15 de abril ocorreu a edição do *JA* diretamente do local do evento. Cristina Ranzolin e Marco Matos apresentaram a edição juntamente com Shirlei Paravisi, apresentadora da RBS da região da Serra Gaúcha. Já em relação, em relação à Feira Nacional do Doce, que ocorreu na cidade de Pelotas (RS), de 2 a 18 de junho de 2023, no dia 3 de junho, a apresentação do *Jornal do Almoço* ocorreu diretamente do Centro de Eventos da Fenadoce, na cidade de Pelotas. O telejornal teve mais de uma hora de duração e foi apresentado por Daniela Ungaretti e por Marco Matos, que se juntaram a Maurício Gasparetto, apresentador local.

Olhares teórico-metodológicos

Entendemos que os olhares dos Estudos Culturais são fundamentais para refletirmos essas transformações apontadas e as suas ressignificações no telejornalismo regional, especificamente no *Jornal do Almoço*, por darem subsídios para pensar a constituição dos telejornais em relação a aspectos culturais e históricos. Vale destacar que estamos levando em consideração as ponderações de Gomes (2007), de que o telejornalismo é uma construção social. Consideramos, também, a importância dos Estudos Culturais por eles serem basais no entendimento do telejornalismo como uma forma cultural e como uma instituição social, de acordo com o que foi apontado por Raymond Williams (1997).

Em relação ao gênero, Mittell (2001) assinala que ele, no decorrer do processo histórico, vai apresentar variações e que é atravessado por relações de poder. O autor diz ainda que perspectivas históricas denotam as evoluções no âmbito do gênero; e que o gênero pode se mostrar de forma estável, mas pode ter alterações de uma cultura para outra e dentro da própria cultura, o que demonstra uma processualidade. E a partir dessa processualidade, vale convocar o olhar de Gutmann (2014) de que os gêneros atuam em um cenário com disputas, tendo continuidades e rupturas.

⁴ Quando falamos de espaços informativos com foco também em divertir e entreter o público, nos remetemos ao Infotainment. Dejavitte caracteriza: “Esse acréscimo de matérias que entretêm fez surgir uma das mais recentes especialidades jornalísticas, chamada *jornalismo de INFOttenimento* (isto é, aquele conteúdo editorial que fornece informação e diversão ao leitor e, ao mesmo tempo, constitui uma prestação de serviço). Por ser híbrido, encontra-se fracionado, aparecendo ora implícita, ora explicitamente” (Dejavite, 2006, p. 15).

Nas ponderações de Gomes (2007) sobre gênero, ela reconhece, juntamente com Raymond Williams, que há afinidades entre determinadas formas culturais e os momentos sociais e históricos em que elas se constituem. Negrini (2019) assinala:

Em suas aferições, Gomes assinala que reconhece que o gênero se mostra como forma de situar a audiência televisiva no tocante a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá respaldo para que ocorra a compreensão das regularidades e especificidades que se mostram em produtos configurados historicamente (Negrini, 2019, p. 134).

Quando fala de gênero televisivo, Gomes (2011a) assinala que Jesús Martín-Barbero é nome significativo em relação ao assunto, devido a ele “[...] pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca” (Gomes, 2011a, p. 113). A autora ainda demarca que o pesquisador colombiano visualiza o gênero na perspectiva de categoria cultural, dando pistas para estudos no âmbito das relações entre comunicação, cultura, política e sociedade.

Cabe destacar, a partir do pensamento de Mittell (2001), que os gêneros operam no âmbito da indústria, da audiência e das práticas culturais. Assim, não é só um programa que delimita o seu gênero, mas são, também, os discursos tanto da produção como da recepção que vão situá-lo. Gomes (2007), falando especificamente dos programas telejornalísticos, assinala que eles são uma variação específica dentro da programação de uma TV e que vão compor um gênero: programas jornalísticos televisivos. A autora, acrescenta, em relação à caracterização dos telejornais:

Os programas telejornalísticos são, então, considerados como uma variação específica dentro da programação televisiva, enquanto compondo, no seu conjunto um gênero – programa jornalístico televisivo, que obedece a formatos e regras próprias do campo jornalístico em negociação com o campo televisivo. Os telejornais, programas de entrevistas, documentários televisivos, as várias formas de jornalismo temático (esportivos, rurais, musicais, econômicos) são variações dentro do gênero: podemos chamá-los subgêneros ou formatos (cf. Bastos, 2004). E demandam ser abordados em categorias que impliquem considerá-los, ao mesmo tempo, como um produto de jornalismo televisivo – o que implica uma abordagem que leve em conta a linguagem televisiva e os elementos próprios do campo jornalístico – e como um produto comunicacional [...] (Gomes, 2007, p. 19).

Reflexões sobre o gênero televisivo dão embasamento para pensarmos o telejornalismo regional e, especificamente, o *Jornal do Almoço*, e, desta forma, visualizarmos este telejornal como tendo sua tessitura atravessada por diversos fatores e estruturas, que são vividas, convencionadas e transformadas no âmbito da cultura. Por isso, convocamos a hipótese da estrutura de sentimento para dar bases analíticas a este estudo. Como diz Mota Júnior (2016, p. 65): “Com a hipótese cultural da estrutura de sentimento, Raymond Williams permite vermos elementos culturais que coexistem no interior de um determinado momento histórico para entender suas diversas temporalidades”. Estrutura de sentimento é um conceito de idealização de Raymond Williams e que vamos utilizar para visualizar os elementos de distintas temporalidades que perpassam na constituição do *Jornal do Almoço*.

Para Gomes (2011b), a hipótese da estrutura de sentimento se mostra como um recurso articulado por Williams para o entendimento das formas de vida, sempre em observação das relações sociais. De acordo com a autora, na obra *Marxismo e Literatura*, estrutura de sentimento é trazida como uma hipótese cultural para refletir sobre diferentes elementos compositores dos modos de vida,

² 1) frequência, 2) amplitude, 3) clareza ou falta de ambiguidade, 4) relevância, 5) conformidade, 6) imprevisão, 7) continuidade, 8) referência a pessoas de elite 9) referências as nações de elite, 10) composição, 11) personificação e 12) negativismo.

cabendo situar as noções de dominante, residual e emergente. Como diz Gomes (2011b, p. 43): “Dominante, residual e emergente são três categorias que Raymond Williams utiliza para descrever elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram qualquer processo cultural”.

Em relação aos elementos dominantes, Mariano (2017, p. 8) explica: “[...] por dominante, conforme tentamos mostrar, podem ser entendidos aqueles elementos que gozam da força da hegemonia para se localizarem social e historicamente como tais”. Já em relação ao residual, o autor salienta: “[...] por residual, o autor está se referindo aos elementos do passado, mas que permanecem continuamente vivos nas práticas humanas – e que devem ser diferidos de elementos arcaicos” (Mariano, 2017, p. 8). E em relação ao emergente, Mariano (2017, p. 8) aponta: “Por emergente, Williams considera novas práticas, significados e valores que são continuamente criados – fato que garante, entre outras coisas, a perspectiva de história como processo”.

Perspectivas analíticas

O *Jornal do Almoço*, no decorrer de seu percurso histórico, tem tido alterações e ressignificações em seu formato. Como diz Andres (2008):

A trajetória do programa é composta por muitas mudanças, que vão desde trocas de cenários e de profissionais, até transformações tecnológicas, nos formatos, na abordagem de temáticas, nas formas de interatividade, bem como na expansão do programa para o interior do estado (Andres, 2008, p. 99).

A autora acrescenta que o percurso do programa é marcado por mudanças, que abarcam trocas de cenário e de pessoal, além de transformações em nível tecnológico, de formatos, de abordagens dos assuntos, na forma de relacionamento com o público e na expansão para o interior. Andres (2008) ainda destaca que um traço que se mantém é a construção do clima de informalidade nos bate-papos, o que contribui para a aproximação dos espectadores. Além disso, a autora enumera a descontração dos apresentadores, na tentativa de aproximação com o público, como marca do programa.

No decorrer do percurso histórico do programa, houve diversas mudanças de cenários, de estilo e de apresentadores. Entre as alterações no telejornal, Roos, Belochio e Negrini (2020) destacam que no ano de 2019, ele passou por significativas ressignificações em nível de estilo, ganhando cenário novo, mais comentaristas no estúdio ao lado da apresentadora Cristina Ranzolin e mais possibilidades de interação e de entradas ao vivo de repórteres através de dispositivos móveis. Já em 2023, no dia 17 de julho, o *JA* teve uma nova mudança de formato voltada a mais aproximação com o público.

Nesta mudança, o jornalista Marco Matos ganhou espaço como apresentador titular do programa ao lado de Ranzolin, dupla que já tinha sucesso efetivado nos deslocamentos para coberturas ao vivo nas sedes das festas nas cidades do interior, como foi no caso do *JA* especial de 15 de abril de 2023, que foi apresentado ao vivo de Veranópolis do parque da Femaça. A edição começou com imagens da cidade e de cenas cotidianas e com a leitura, pelo jornalista da RBS, Elói Zorzeto, de uma crônica. Esta forma de iniciar o programa já havia sido visualizada em outras coberturas de feiras e eventos, podendo ser considerada como nova em relação ao formato convencional do *Jornal do Almoço*, e podendo ser também considerada residual, se comparada a outras coberturas de grandes feiras.

Depois da leitura da crônica, o telejornal começa com a câmera dando um close em quatro maçãs, sendo que uma delas tem a sigla *JA* (Figura 1), e abrindo até a apresentadora Cristina Ranzolin, que cumprimenta o público de forma animada, fugindo ao que se espera de uma jornalista em um telejornal e tendo traços performativos de

³ Destaca-se que, em especial o trabalho da Polícia Militar, só é contabilizado quando envolve o Estado Maior e seus representantes ou quando a ação é de iniciativa do Estado.

programas de entretenimento. O comportamento da apresentadora vai ser similar ao de Marco Matos e ao da apresentadora local Shirlei Paravisi, e pode ser considerado emergente quando pensado em relação aos programas jornalísticos que vão ao ar no horário vespertino. Consideramos emergente por ser algo que não é hegemônico, mas que tem se sobressaído no contexto do programa e tem tido grande retrospecto no âmbito do jornalismo televisivo no horário do almoço no Rio Grande do Sul.

Figura 1: Início do *Jornal do Almoço da Femaça*



Fonte: Reprodução Canal Angeli no YouTube

Na sequência, Cristina Ranzolin chama Marco Matos (Figura 2), que já diz estar sendo vestido com uma roupa estranha e diferente. O jornalista faz suspense em relação ao que se trata, mas diz ser algo relacionado à cultura da região. Novamente, visualizamos uma configuração narrativa que foge ao hegemônico dos programas telejornalísticos e adentra ao âmbito da espetacularização. Estamos diante de um estilo que pode ser visualizado como algo novo. Podemos dizer que visualizamos um misto de informação e de entretenimento, pois, na medida em que informações específicas sobre a região de Veranópolis são dadas, o público se depara com artimanhas voltadas mais a entreter e a vender o conteúdo do que propriamente a ser um agente de manutenção do interesse público e da sociedade ciente de sua pauta.

Figura 2: Marco Matos no começo do *Jornal do Almoço da Femaça*



Fonte: Reprodução Canal Angeli no YouTube

Mas, apesar das pautas abordadas durante a apresentação da Femaça serem bastante voltadas para o âmbito de variedades, os apresentadores chamam Simone Lázari, no estúdio de Porto Alegre, para levar ao ar pautas factuais e com tom mais

⁴ Veiculado no dia 25 de outubro de 2016 no Correio do Povo.

⁵ Publicada no Zero Hora no dia 18 de novembro de 2016.

cotidiano, como vacinação contra a gripe, o falecimento de uma delegada e o falecimento de um roqueiro gaúcho, além de mudanças no trânsito da capital. E chamam, também, Kelly Costa para falar de pautas relativas ao esporte. Neste ponto, visualiza-se que apesar de o telejornal estar focado em um formato novo, com alguns momentos de rupturas, que podem ser considerados emergentes, ainda tem a preocupação de manter as perspectivas hegemônicas do telejornalismo operando.

Sabemos que o telejornalismo tem um papel social de informar muito forte e que tem relações de manter o público informado. Assim, mesmo recorrendo a princípios do entretenimento e a estratégias que podem ser consideradas capitalistas, o *JA* não abandona estratégias hegemônicas do jornalismo para TV. E mesmo que o subgênero telejornal tenha ressignificações, lógicas hegemônicas continuam operando.

Em um misto de transmissão de informações, de transmissão de variedades e de entretenimento, o *Jornal do Almoço* da Femaça acenou para ampla aproximação com a população local. Inclusive, um casal que estava completando 56 anos de casamento foi chamado para conversar com a apresentadora e ganhou uma maçã do amor dela, sendo questionado sobre a receita de um amor duradouro. A entrevista, com questionamento da vida pessoal do casal, adentra em lógicas de programas de entretenimento, fugindo de formas hegemônicas de funcionamento do telejornalismo de referência⁵.

Figura 3: Ranzolim entrevista casal durante *Jornal do Almoço* da Femaça



Fonte: Reprodução Canal Angeli no YouTube

⁵ Hagen (2008) pontua que o telejornalismo de referência não pode deixar de lado a objetividade, “mesmo que ela recubra a informação e os processos de comunicação com uma aparente camada de frieza e distanciamento [...]” (Hagen, 2008, p. 8). Martins, Negrini e Piccinin (2021, p. 217) ainda dizem: “A partir do pensamento de Hagen, é possível entender este tipo de telejornalismo, tipo como convencional, como aquele que tem em sua essência a prática de delineamentos postulados pelos manuais de redação e que é perpassado por práticas hegemônicas dos fazeres jornalísticos para a TV”.

Outro ponto que vale ser destacado é que Marco Matos é chamado por Shirlei Paradise: “Marco Matos, não me diga que estás aprontando alguma coisa?”. E ele responde, em linguagem coloquial, que está enchendo a barriga de “grostoli”. Aqui, visualiza-se um momento de emergência em âmbito telejornalístico e de plena flexibilização nos limites do subgênero telejornal, que está operando de forma plenamente fluida e sendo adentrado pelo entretenimento.

Assim, cabe evidenciar que, na cobertura ao vivo da Femaça, o *JA* apresentou continuidades em relação ao seu estilo cotidiano, mas diversas rupturas, acenando para o campo do entretenimento. E que elementos hegemônicos do jornalismo televisivo estiveram presentes, mas foram acompanhados por momentos de novidades e por momentos em que elementos emergentes se mostraram.

Já na Fenadoce, a edição ao vivo diretamente do centro de eventos em que a festa é realizada ocorreu no dia 3 de junho. Da mesma forma que na edição ao vivo da Femaça, o início se deu com imagens da cidade sede (no caso aqui, de Pelotas), com cenas relacionadas à confecção de doces, as quais foram cobertas por um texto em *off* relacionado com a cultura doceira da cidade. Este início diferenciado em relação às edições cotidianas do telejornal, quando falamos em relação à Fenadoce, pode ser considerado residual se comparado a outras coberturas de festas, pois tem sido visualizado em outros momentos do telejornal; mas pode

ser considerado um momento emergente se pensarmos em relação a programas telejornalísticos que vão ao ar no horário do almoço, pois imprimiu um caráter de novidade e de dinamismo na perspectiva de levar ao público as culturas locais de forma bastante poética.

Na sequência, a apresentadora Daniela Ungaretti destaca a pauta do dia, salientando que é um programa especial e convida o público a acompanhar a edição. “Então, fique por aqui, que é dia de diversão”, diz a jornalista. Nas palavras dela, fica evidente que o JA vai estar permeado por quadros voltados ao entretenimento e que as fronteiras entre o jornalismo e o entretenimento serão fluidas.

Os outros âncoras da edição são Marco Matos e o apresentador local Maurício Gasparetto. A forma de conduzir o programa, desde o início, já demarca que será voltado a imprimir um estilo com informalidade, como é possível ver na Figura 4.

Figura 4: Apresentadores do Jornal do Almoço da Fenadoce



Fonte: Reprodução Canal Angeli no YouTube

Na sequência, Daniela Ungaretti começa falando com o público diretamente do centro de eventos da feira. Os jornalistas, cercados por doces, salientam que o tema da edição de 2023 é “o doce sabor da infância”. O programa é completamente marcado pela descontração e pela interação com a plateia presente no local. Daniela salienta que sempre teve vontade de estar na feira e de ter a própria mesa de doces e que naquela ocasião, ela tem a própria mesa de doces (Figura 5). Imagens dos doces recebem bastante destaque por parte dos cinegrafistas. E a plateia também é bastante enfocada. O destaque ao público remete a práticas de programas de auditório, distanciando-se de delineamentos hegemônicos de programa de jornalismo televisivo.

Figura 5: Daniela Ungaretti durante o Jornal do Almoço da Fenadoce



Fonte: Reprodução Canal Angeli no YouTube

Como a formiga é o mascote da Fenadoce, ela é ressaltada pelo *JA*. E o repórter Marco Matos caracteriza-se de formiga juntamente com crianças e aparece ao vivo no telejornal assim caracterizado. Daniela Ungaretti fala da existência de um “formigão” e faz suspense diante do público sobre a identidade de tal personagem, remetendo justamente a posturas verificadas em programas de entretenimento. Com a revelação da identidade do formigão, verifica-se que se trata de Marco Matos (Figura 6), que incorpora bem o personagem e chama a atenção do público.

Figura 6: Marco Matos caracterizado de formiga durante o Jornal do Almoço da Fenadoce



Fonte: Reprodução Canal Angeli no YouTube

O público é amplamente convocado à participação no programa. Inclusive, Ungaretti conversa com uma pessoa na plateia, que fala sobre o seu pai ser fã da apresentadora. Ela pergunta a outros sobre o doce predileto, além de fazer elogios à aparência física de algumas pessoas. Tal performance não é usual em programas telejornalísticos e acena para o movimento do *JA*, em edições de eventos, em ter completas ressignificações quando se trata de características do subgênero telejornal. Podemos retomar a perspectiva que falamos anteriormente, a partir de Mittell (2001), de que os gêneros se ressignificam, que não são estáveis e que se movimentam no âmbito da cultura.

Na linha de pensamento de que o telejornal tem ressignificações, vale destacar que Marco Matos, ao falar com doceiras na feira, come ao vivo os doces vendidos na Fenadoce. Comer ao vivo distancia-se de práticas hegemônicas do telejornalismo e faz observarmos que o *JA* tem acenado para a mistura entre informação e entretenimento.

Apesar do caráter descontraído da edição do *JA* em estudo, da mesma forma que ocorreu na Femaça, a redação de Porto Alegre é chamada para dar as principais notícias do dia. Pautas como distribuição de alimentos para instituições sociais, busca de um leito em UTI para uma criança no interior do estado; e ônibus ter pegado fogo em Porto Alegre são levadas ao ar, o que demonstra que mesmo que o telejornal esteja com uma postura voltada ao entretenimento, práticas hegemônicas do jornalismo são operadas e a preocupação com a difusão de informações continua vigente.

A edição do *JA*, ancorada ao vivo da Fenadoce de Pelotas, da mesma forma que apresentado da Femaça, se distanciou bastante das práticas telejornalísticas voltadas à transmissão de informações, tendo características muito próximas do entretenimento. Os apresentadores buscaram, em diversos momentos, a proximidade com o público e a interação com ele, o que reforça a perspectiva de que informação e entretenimento andaram juntos. Mas elementos hegemônicos do telejornalismo também se fizeram presentes, mostrando que o *JA* teve fronteiras fluidas entre informação e entretenimento.

Considerações finais

Na análise da coleta de dados documentais e com a investigação das reportagens da Femaça e da Fenadoce, verificaram-se elementos dominantes, residuais e emergentes no *Jornal do Almoço*. No caso da Femaça, pode-se citar o comportamento da apresentadora Cristina Ranzolin, similar ao do jornalista e colega do JA, Marco Matos e ao da apresentadora local do JA, Shirlei Paravisi. Considera-se este elemento como emergente quando pensado em relação aos programas jornalísticos levados ao ar no mesmo horário vespertino. O conceito emergente por ser algo que não é hegemônico, mas que tem se sobressaído no contexto do programa e tem tido grande retrospecto no âmbito do jornalismo televisivo no horário do almoço no Rio Grande do Sul.

Outro momento considerado emergente é a linguagem coloquial e o comportamento dos apresentadores, que no âmbito do telejornalismo, ultrapassa o usual, formal e flexível nos limites do subgênero telejornal, que opera de forma fluida e com fortes sinais de entretenimento. Caracterizando-se, assim, num misto de transmissão de informações jornalísticas e programa de variedades, ao percorrer a linha tênue entre as questões de interesse público e do público.

Uma exemplificação foi a produção da RBS TV ter dado ênfase na celebração de casamento de 56 anos de um casal presente ao evento da Femaça, ao vivo, no JA, como destaque. A apresentadora utilizou-se de uma linguagem que transborda do jornalismo ao entretenimento quando, ao final, presenteia o casal com uma “maça do amor”. A atitude demonstra, com todas as evidências, a preocupação de não apenas informar os acontecimentos do cotidiano, mas entreter o público (audiência) com gestos de proximidade. Atitudes como esta fogem das formas hegemônicas de funcionamento do telejornalismo de referência e corroboram com Mittell (2001) ao afirmar que os gêneros se ressignificam, não são estáveis e que se movimentam no âmbito da cultura. As ressignificações distanciam-se das práticas hegemônicas do telejornalismo, confirmando o elemento central identificado nesta investigação: o infotainment do telejornalismo no horário do almoço como recurso para alavancar a audiência.

Na cobertura da Fenadoce de Pelotas, os apresentadores voltaram a reafirmar o caráter emergente e dominante nas suas práticas discursivas e de performance ao vivo, ao incluírem na sua cobertura o tema central da feira na edição de 2023 “o doce sabor da infância” naquela edição do JA. O programa evidenciou a descontração e a interação com a plateia no local e apresentou determinadas situações inusitadas como a performance do jornalista Marco Matos fantasiado de formiga, símbolo do evento, além de questões privadas nos gostos pessoais dos apresentadores ao revelarem desejos de infância, como ter a sua própria mesa de doces nas comemorações, distanciando-se novamente de delineamentos hegemônicos de programa de jornalismo televisivo.

Diante disso, o infotainment, ou seja, a mescla entre a informação e o entretenimento, também evidencia a função do jornalismo de entreter o público, além de informá-lo. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do JA em entreter no jornalismo, pois busca atender o que julga como de interesse do público, conteúdo este que informa, mas com doses de diversão. O infotainment dialoga com as exigências da audiência, que se encontra pulverizada nas várias opções de conteúdo informacional presentes na internet.

Dejavite (2006) ressalta a importância desse jornalismo que mescla informação e distração. A autora afirma que o receptor com os seus novos princípios de receber a informação exige que a notícia na atualidade – independentemente do meio em que estiver inserida – informe, distraia e lhe traga uma formação sobre o

assunto publicado. Se as informações jornalísticas não tiverem essas características, não vão chamar a atenção da audiência.

Nesse contexto, em que a internet está presente e, com as novas tecnologias, a audiência exige uma interação com o que é visualizado. Dessa forma, o entretenimento, tal qual foi expresso nas coberturas selecionadas nesta investigação, encontra um campo profícuo à discussão ética em torno do misto de dramatização ao divertimento, criando um discurso “lúdico”, mas forjado com uma roupagem de informação. O fato é que a organização das informações analisadas responde aos mesmos princípios identificados nos elementos ditos contemporâneos: o entretenimento, como base de referência, às questões emergentes, residuais e dominantes, como subsistemas acionados pelo telejornalismo regional.

Referências

ANDRES, Márcia Turchiello. **A trajetória do Jornal do Almoço**: ciclos e fragmentos históricos da comunicação capitalista. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2623/trajetoria%20do%20jornal.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 jun. 2023.

BELÉM, Vitor; CAJAZEIRA, Paulo; CIRNE, Livia; SIQUEIRA, Fabiana; MESQUITA, Giovanna. Entre o território da mídia e a abrangência de conteúdo: um método de análise sobre o telejornalismo local. In: COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica (orgs.). **Telejornalismo local**: teorias e conceitos. Florianópolis: Insular, 2019.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**: rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Editora Minerva Coimbra, 2002.

COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: o local do telejornalismo na contemporaneidade. In: COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica (orgs.). **Telejornalismo local**: teorias e conceitos. Florianópolis: Insular, 2019.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. Identidade no telejornalismo local: a construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu público. In: I COLÓQUIO INTERNACIONAL TELEVISÃO E REALIDADE. 1., 2008, Salvador. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador, 2008. Disponível em: <http://tvereadade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

ENCONTRO Bem Pra Ti 2023 – Plano comercial. In: **GRUPO RBS**, [S. l.]. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/file/plans/d5c3577fbb8b879d727122a-520fdb2ed.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FEMAÇA. Projeto da RBS TV cobre eventos que movimentam o Rio Grande do Sul. 2023. **G1 RS**, [S. l.], 3 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/especial-publicitario/femaca/noticia/2023/04/03/projeto-da-rbs-tv-cobre-e-eventos-que-movimentam-o-rio-grande-do-sul.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Famecos**: mídia, cultura e

tecnologia, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 111-130, 2011a. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/8801>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista E-Compós**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan-abr. 2007, p. 111-130. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/126>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GOMES, Itania Maria Mota. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: Itania Maria Mota Gomes; Jeder Janotti Junior (Orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2011b. p. 29-48.

GUTMANN, Juliana Freire. Quando ruptura é convenção: o programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. **Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 60-78, dez-mar. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17535>. Acesso em: 18 abr. 2025.

HAGEN, Sean. A emoção como complemento à objetividade na imagem dos apresentadores de telejornal. Uma análise do processo de fidelização do telespectador. In: Anais do 17º Encontro Anual da Compós, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**, Galoá, 2008. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2008/trabalhos/a-emocao-como-complemento-a-objetividade-na-imagem-dos-apresentadores-de-telejor?lang=pt-br>. Acesso em: 18 abr. 2025.

HANNA, Alanna. Jornal do Almoço será transmitido diretamente da 32ª Festa do Peixe de Tramandaí. In: **Prefeitura de Tramandaí**, Tramandaí, 2023. Disponível em: <https://www.tramandai.rs.gov.br/noticias.php?url=bm90aWNpYXNfaWQ9J-zE1MTAxJw==>. Acesso em: 30 jul. 2023.

JORNAL do Almoço, ao vivo da Femaça – Veranópolis / 15 abr. 2023. Veranópolis, 15 abr. 2023. 1 vídeo (1h, 11min, 37s). Publicado pelo canal Angeli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7OIcj8nACE>. Acesso em: 30 jul. 2023.

JORNAL do Almoço, ao vivo da Fenadoce – Pelotas / 03 jun. 2023, Pelotas, 3 jun. 2023. 1 vídeo (1h, 9min, 35s). Publicado pelo canal Angeli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l0Ny1gu-5Vk>. Acesso em: 30 jul. 2023.

JORNAL do Almoço celebra 50 anos de história ao lado dos gaúchos. In: **GRUPO RBS**, [S. l.], 4 mar. 2022. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/noticia/9089/jornal-do-almoco-celebra-50-anos-de-historia-ao-lado-dos-gauchos>. Acesso em: 06 nov. 2023.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: Editora da PUC de São Paulo, 1992.

MARIANO, André Luís Sena. Raymond Williams e o materialismo cultural: contribuições à sociologia da educação. In: 38ª Reunião Nacional da Anped, 38., 2017, São Luís – MA. **Anais eletrônicos [...]**. São Luís. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT14_313.pdf. Acesso em: 18 abr. 2025.

MARTINS, Maura; NEGRINI, Michele; PICCININ, Fabiana. As histórias reais da reportagem: modos de endereçamento e as estratégias do telejornal. **Lumina**, [S.

l.], v. 15, n. 3, p. 202–219, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21556>. Acesso em: 6 mar. 2023.

MITTELL, Jason. A cultural approach to television genre theory. **Cinema Journal**, Austin, v. 40, n. 3. p. 3-24, 2001. Disponível em: <https://justtv.wordpress.com/wp-content/uploads/2007/03/genretheory.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

MOTA JUNIOR, Edinaldo. **Transformações do popular na Rede Globo – uma análise cultural dos programas de Regina Casé**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33516?mode=full>. Acesso em: 21 abr. 2025.

NEGRINI, Michele. Diversas temporalidades nos discursos televisivos sobre a morte: aferições sobre a tragédia da Chapecoense no Jornal Nacional. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura**, v. 17, p. 229-249, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/26211>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NOGUEIRA, Leila. A tela como local para o discurso jornalístico: quando a universalidade toca a superfície. In: COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica (orgs.). **Telejornalismo local: teorias e conceitos**. Florianópolis: Insular, 2019.

ROOS, Roberta; BELOCHIO, Vivian; NEGRINI, Michele. Covid e a remediação do telejornalismo através da distribuição multiplataforma. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **Telejornalismo Contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**. 1 ed., 2020, p. 129-142.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. 2. ed. London: Routledge, 1997.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da TV**. São Paulo: Ática, 1996.